

XX FÓRUM DE ESTUDOS: LEITURAS DE PAULO FREIRE

Editoração: Casa Leiria

A escolha dos textos publicados é de responsabilidade dos coordenadores e coordenadoras dos eixos temáticos.

Os textos e as imagens são de responsabilidade de seus autores.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica

F745 Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire (20:2018: São Leopoldo, RS)
Anais do XX Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire: legado e presença de Freire no Rio Grande do Sul [recurso eletrônico]./
Organização de Fernanda dos Santos Paulo et al., Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). – São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.
1CD ROM.
Evento realizado na Unisinos, em São Leopoldo de 03 a 05 de maio de 2018.
Anual.
ISSN 2176-3569

1. Educação – Pesquisa e prática. Professores – Formação.
2. Conhecimento científico – Pesquisa e prática. 3. Freire, Paulo, 1921-1997. I. Paulo, Fernanda dos Santos. (Org.). II. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. III. Título.

CDU 37.013FREIRE

HISTÓRIAS QUE MERECEM SER CONTADAS: UM PROJETO QUE CONSTRÓI NARRATIVAS SOBRE EPISÓDIOS SIGNIFICATIVOS DAS VIDAS DE ESTUDANTES DO PROEJA NO IFSUL/CÂMPUS SAPUCAIA DO SUL

*Suzana Trevisan*¹

Palavras-chave: Narrativa. Episódios de vida. Estudantes. PROEJA. Valorização.

INTRODUÇÃO

O projeto *Histórias que Merecem ser Contadas* é uma iniciativa desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura com as turmas do quarto semestre do Curso Técnico em Administração- modalidade Proeja, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, câmpus Sapucaia do Sul/RS, e o presente texto pretende fazer um relato desta prática educativa. Através da construção de uma narrativa sobre um episódio significativo de suas vidas, os/as estudantes constroem textos que são reunidos em um livro, lançado e distribuído gratuitamente para a comunidade escolar, familiares e amigos/as no final de cada semestre.

Para que o/a leitor/a compreenda o surgimento deste projeto, permito-me contar um pouco de minha história como professora da Educação de Jovens e Adultos. Quando iniciei minha carreira docente no IFSul, câmpus Sapucaia do Sul, carregava comigo a experiência profissional de educadora de diferentes níveis de ensino (sempre lecionando a disciplina de Língua Inglesa). Então, no início do segundo semestre de 2013, fui designada a trabalhar com duas perspectivas inéditas na minha trajetória: a Língua Portuguesa

1 Professora de Línguas Portuguesa e Inglesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), câmpus Sapucaia do Sul. suzanatrevisan@sapucaia.ifsul.edu.br

e a EJA. Quando entrei na sala de aula, percebi que aquele contexto era muito diferente do que eu já havia experimentado. Somado a este fato, durante a minha formação, pouco se falou dessa modalidade. Dessa forma, frente ao novo cenário educacional, tive a ideia de pedir aos estudantes que tomassem um pedaço de papel e me contassem um pouco sobre quem eram e como haviam chegado até ali.

Esse primeiro exercício tinha o intuito de realizar uma sondagem das habilidades de escrita, bem como trazer subsídios para que eu entendesse melhor quem eram aquelas pessoas. Entretanto, o resultado foi surpreendente: a escrita foi intensa, bem como a leitura dos textos no dia seguinte. Num primeiro momento, percebi a urgência de dar voz àquelas pessoas. Elas queriam o direito de serem ouvidas e respeitadas pelas suas histórias de vida e pela sua sabedoria, mas não encontravam (ou encontravam pouco) espaço dentro do ambiente escolar.

Eu acreditava (a ainda acredito) na ideia da narrativa da trajetória de vida como oportunidade de ressignificar vivências (provocada por minhas experiências de vida e pelos estudos realizados no mestrado em Educação) e estava atenta às palavras de educadores de referência do nosso país (destaco, especialmente, Paulo Freire). Também me preocupava com o propósito pedagógico, pois, tratando-se de um ambiente educacional, percebia muitas demandas relacionadas à aprendizagem de Língua Portuguesa. Foi quando decidi criar um projeto que valorizasse o conhecimento de vida de nossos/as alunos/as, assim como respeitasse as demandas do currículo da disciplina.

Julgo necessário destacar que o nosso câmpus está localizado na região metropolitana de Porto Alegre (RMPA), na área chamada de Vale dos Sinos. Sapucaia do Sul é um município eminentemente de periferia urbana, industrial e dormitório. Além disso, a maioria da sua população é constituída por migrantes do interior do RS ou de outros estados, vindos (em grande parte) devido ao processo de industrialização da região ocorrido na década de 80. Devido a essa

realidade, muitos de nossos/as alunos/as são nascidos no campo. Essas condições afetam diretamente o acesso à educação, já que boa parte dos/as estudantes deixou de estudar no tempo regular para exercer trabalho desde a adolescência, ou até mesmo na infância. Infelizmente, os/as moradores/as do nosso município também enfrentam a pouca oferta de equipamentos na área de cultura, sendo que as redes educativas públicas (federal, municipal e estadual) destacam-se como polos provedores de formação cultural. Nesse sentido, o IFSul cumpre um papel muito relevante na promoção de atividades e processos educativos diferenciados. Além disso, cabe ressaltar que 78% de nosso público discente, em 2017, são mulheres, com idade de 35 a 45 anos, afastadas da escolarização formal há cerca de 10 anos. Nesse sentido, atuar como docente em um ambiente marcado por processos de exclusão econômica e de gênero exige, ao meu ver, iniciativas de empoderamento e fortalecimento da identidade discente.

Como possível reflexo desse cenário social, os/as alunos/as trazem consigo o raro ou pouco hábito de leitura e escrita de textos literários. Por isso, um dos principais desafios é criar uma cultura de consumo e valorização da literatura, mostrando o prazer que a experiência estética pode causar. Em relação ao conhecimento linguístico, mesmo que o cenário social seja muito similar, é possível, entretanto, perceber que cada pessoa traz consigo um diferente percurso de aprendizagem.

OBJETIVOS

Como projeto educativo, *Histórias que merecem ser contadas* constitui-se com conjunto de ações construídas ao longo do quarto semestre do curso Técnico Integrado em Administração – modalidade Proeja- e tem como objetivos:

- a) Valorizar as experiências de vida dos/as alunos/as, através da narrativa de uma história pessoal relevante;

- b) Aprimorar a capacidade de expressão através da escrita;
- c) Fomentar o gosto pela leitura;
- d) Aprimorar e aplicar o conhecimento linguístico e gramatical;
- e) Resgatar o valor do aprendizado que acontece além dos muros da escola; e
- f) Aproximar as famílias e a comunidade do/discendente, incentivando essas pessoas a terem o hábito de leitura.

RESGATE DA METODOLOGIA E REFLEXÃO SOBRE A TEORIA

Início a reflexão desta seção dizendo que, como educadora e cidadã, me sinto privilegiada por trabalhar em um Instituto Federal que dá espaço e voz para a expressão de pessoas das classes populares e que ratifica o compromisso legal do Estado brasileiro de reduzir as desigualdades sociais e regionais (previsto pelo terceiro artigo da Constituição de 1988). Tal iniciativa mostra-se decisiva em tempos de retrocessos nas áreas da Educação e dos direitos sociais.

Também chamo a atenção do/a leitor/a para o fato de que, como já destaquei anteriormente, os/as estudantes da modalidade em foco possuem uma característica bastante específica: trazem consigo conhecimento de mundo e de vida estruturado. São portadores de experiências e aprendizagens que aconteceram, muitas vezes, fora do ambiente da escola. E, se “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, a escola e os docentes devem:

(...) não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classe populares, chegam a ela- saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerido, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.30)

Mesmo que as orientações de nosso mestre Freire tenham, pelo menos, 20 anos, ainda perpetuam-se práticas de muita resistência na valorização dos saberes dos educandos da EJA. Por isso, o projeto Histórias que Merecem ser Contadas busca valorizar e resgatar episódios significativos da vida dos/das estudantes. No exercício de resgate, narram e valorizam um episódio de sua história e aprendem ou aprimoram estratégias narrativas, bem como aspectos linguísticos contextualizados.

E, em relação ao aprendizado da língua, “a escrita, na diversidade de usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes” (ANTUNES, 2003, p.47). Daí a iniciativa de construir textos que sejam não só escritos (o que parece bobo afirmar), mas que sejam efetivamente lidos e que possam ratificar a natureza interacionista da língua (tomando a escrita não apenas como um exercício pedagógico vazio de sentido, mas como uma possibilidade real de interação). Nas palavras de Antunes (2003), um trabalho pedagógico mais produtivo e relevante só é possível se considerarmos que “(...) as línguas só existem para promover a interação entre as pessoas” (p. 41). Além disso, tomo em consideração o fato de que “(...) a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos” (p. 42).

Acredito que o ato de delimitar o conceito de língua adotado na construção do projeto em foco fala muito sobre as implicações pedagógicas, assim como a delimitação do que pretendemos alcançar com as aulas de língua portuguesa. Assim, dialogo com as palavras de Bagno (2015), porque acredito que “(...) ensinar português tem que ser, antes de mais nada, ensinar a ler e a escrever. A educação linguística é a tarefa do letramento constante e ininterrupto dos alunos” (p. 170).

Delimitados alguns conceitos-chave que norteiam esta prática, detenho-me detenho-me a descrever a experiência ocorrida no segundo semestre de 2016 (chamo a atenção

para o fato de que estive afastada em função da maternidade e, por isso, minha colega Débora Taís Batista de Abreu realizou as edições de 2017). Como trata-se de um projeto realizado continuamente nas turmas de quarto semestre e bastante valorizado pela comunidade escolar, quando iniciaram as aulas, os/as alunos/as estavam curiosos e motivados: já haviam ganhado e lido os exemplares das edições anteriores. E é no primeiro dia de aula que a sensibilização em relação à participação do projeto se dá de maneira mais intensa.

Fomos até uma sala ampla e nos sentamos em círculo. Nesse espaço, antes mesmo de apresentar qualquer informação sobre o projeto, coloquei-me no papel de narradora e contei uma história muito especial da minha vida. Com lágrimas nos meus olhos e nos de muitos ouvintes, debatemos, em seguida, sobre a experiência de falar sobre si, de dividir com os outros momentos especiais de nossas vidas. Também conversamos sobre o que sabiam sobre o projeto, quais eram as suas expectativas e receios.

Em seguida, em duplas ou em trios, formados por eles próprios (para que pudessem se sentir à vontade de contar coisas tão pessoais), narraram oralmente duas ou três histórias de sua trajetória. Nesse mesmo dia, com o auxílio dos colegas, elegeram uma e iniciaram a escrita da primeira versão do texto. Alguns deles não conseguiram finalizar em aula e levaram a tarefa para a casa, com o compromisso de trazê-la até dois dias antes da próxima aula, já que meu objetivo era realizar a leitura de todos os textos até o segundo encontro.

Com as histórias em mãos, realizei a leitura e apontei sugestões e comentários em relação a: escolha da história; a maneira com que ela foi apresentada; a riqueza (ou o excesso) de detalhes; a organização do texto; e uso da variedade urbana de prestígio. Além disso, escrevi um recado bem pessoal, como forma de incentivo, escrevendo o que eu havia sentido durante a leitura (ou seja, sobre a experiência estética provocada pelo texto).

Mesmo que esse trabalho estivesse pronto, não devolvi os textos na aula seguinte. Justifico que era necessário estudar o diagnóstico para fazer as adaptações nos planos de aula, assim como esperaria a construção do aprendizado sobre estratégias de narrativas para que eles olhassem para o texto apontado com maturidade. Esclareço que os apontamentos não eram correções. Utilizei caneta marca-texto para chamar a atenção de algum trecho que não ficou claro, uma incoerência gramatical ou ainda escrevia um comentário ou questionamento nas margens da página. Penso que, no uso desta estratégia, damos a oportunidade do/da estudante refletir sobre o que escreveu e como poderia tornar a escrita ainda mais adequada.

Na segunda aula, realizamos a leitura de diferentes textos narrativos: alguns escritos por egressos das edições anteriores, cordéis e mini contos. Em grupos de 5 alunos/as, os textos rodavam para que uma discussão fosse realizada na sequência. Nessa oportunidade, discutimos sobre a organização da narrativa, os elementos como narrador, cenário, tempo da narrativa, o encadeamento do texto, a relevância do título e a necessidade da clareza das ideias, além de expressarmos nossa opinião sobre a experiência estética trazida pelas leituras.

No encontro seguinte, devolvi a primeira versão (com apontamentos) e pedi que os participantes do projeto lessem com atenção e refletissem sobre as demarcações. Essa tarefa tomou cerca de 20 minutos da aula e, na sequência, enquanto o grande grupo realizava uma atividade sobre referência, chamei um/a por um/a até minha mesa para que tivéssemos uma conversa sobre a produção e sobre o *feedback* recebido. No final da aula, a maioria dos/as alunos/as já havia trabalhado na reescrita, mas levaram consigo as tarefas de finalizar e revisar o texto como tema de casa.

Com a reescrita realizada, os/as autores/as me entregaram a segunda versão para que eu pudesse realizar a leitura em casa. Em aula, partimos para a leitura e análise dos textos pertencentes ao cânone literário. Como o currículo

prevê o estudo do movimento realista, a leitura de contos enriqueceu ainda mais a aprendizagem. Na quarta aula, lemos o conto *Meu tio Júlio*, de Guy de Maupassant. Destaco que o fato de contarmos com número restrito de cópias atrapalhou o desenvolvimento da atividade. Com posse de cinco cópias para o grupo todo, os/as estudantes reuniram-se em grupos para realizar a leitura. Penso que seria muito mais interessante se cada um deles tivesse uma cópia física para destacar trechos que chamaram a atenção, ou para escrever comentários. Como não foi possível, o texto foi disponibilizado na plataforma Q-acadêmico (software de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual).

O próximo passo desenvolvido foi a leitura do conto *A cartomante*, de Machado de Assis. Já esperava que fosse uma leitura mais desafiante, por isso pedi que os/as estudantes realizassem a tarefa em casa. O texto é de domínio público, por isso, está disponível gratuitamente na internet. Se quisessem a versão impressa, seriam responsáveis pela impressão. Neste ponto, cabe interromper a narrativa do projeto para chamar a atenção para a relevância de termos condições de trabalho que suportem as necessidades dos/as nossos/as alunos/as. Mesmo trabalhando em um instituto federal (tido como uma das melhores estruturas públicas de educação), enfrentamos dificuldades financeiras. Nossos/as alunos/as são trabalhadores/as das classes populares, desempregados/as ou microempreendedores/as. Muitos relatam a dificuldade de destinar recursos para a aquisição do material (mesmo que alguns contem com auxílio financeiro da assistência estudantil) necessário para os estudos e pouquíssimos possuem computador com acesso à internet em casa. Sem dúvida, essas dificuldades influenciam no aprendizado, além de representarem um dos fatores citados como motivos causadores de evasão escolar.

Retomando à narrativa do projeto, realizada a leitura do texto de Machado de Assis, iniciamos a aula com uma atividade de organização das informações do texto. Cada grupo de 4 pessoas recebeu um jogo. Este continha o re-

sumo do conto em 15 fragmentos embaralhados. A tarefa era organizá-los em sequência cronológica (diferentemente do que acontece no texto original). Terminado o exercício, discutimos sobre a estratégia de não obediência do tempo cronológico nesta narrativa (e seu efeito), a presença de discurso direto (e seu efeito), o olhar do narrador em terceira pessoa (e seu efeito), a escolha do título, a construção do clímax, dentre outros temas. Esse exercício foi muito esclarecedor e auxiliou a tarefa da reescrita (terceira versão) do texto pessoal, realizada em aula. Nessa atividade, ficou evidente que os/as estudantes tinham diferentes níveis de letramento literário porque a compreensão da ideia geral, bem como de alguns detalhes da narrativa dependiam da experiência prévia como leitores. Para auxiliar a compreensão, depois do exercício descrito, relemos o conto. Assim, poderíamos debater e esclarecer dúvidas, além de corrigir a atividade. O trabalho em grupo também se mostrou como uma boa estratégia para a superação das dificuldades porque, na medida em que interagiam com os colegas, (re)construíram seu conhecimento.

Depois de minha terceira leitura, algumas pessoas ainda realizaram a reescrita da quarta versão. Nesses casos, enquanto os colegas realizavam a digitalização do texto nos computadores do laboratório de informática, eu chamava aqueles com dificuldades para um atendimento mais próximo. Com o texto em ambiente virtual, os/as alunos/as deveriam encaminhá-los ao meu e-mail. Para finalizar esta etapa, realizei a leitura da última versão em ambiente virtual e reuni todas narrativas em um único documento para encaminhá-lo à jornalista de nosso campus, Patricia Strelow. Ela gentilmente realizou o trabalho de diagramação gráfica e fez contato com a gráfica do campus Pelotas para que a impressão fosse realizada.

Terminada a seção de produção escrita, focamos nossas atenções para a organização e execução da noite de autógrafos. Ela costuma acontecer no final do semestre, já que são necessárias 6 semanas para que a diagramação e

impressão dos livros sejam realizadas. Por isso, por volta de décima quinta aula, nós retomamos a discussão sobre o projeto. Os/as alunos/as foram divididos/as em grupos para que pudessem refletir e responder:

- a) Como o projeto foi desenvolvido? Quais foram as etapas para a sua construção?
- b) O que você aprendeu nessas etapas?
- c) Quais as leituras que realizamos nesse semestre que nos ajudaram a compreender a estrutura da narrativa? Você já havia lido textos como esses? Como foi a experiência da leitura?
- d) Quais foram os aprendizados em relação à língua portuguesa?
- e) Quais foram os aprendizados em relação à vida?
- f) O que desejamos que as pessoas façam com as histórias que escrevemos?

Cada grupo se responsabilizou, então, pelo registro da resposta de uma das perguntas. Depois, elegeram um dos participantes como porta-voz. Estes, por sua vez, leram para a turma e, se todos concordassem, o texto seria apresentado na cerimônia, com o objetivo de explicar a metodologia de trabalho para aquelas pessoas presentes na cerimônia.

Na décima oitava aula do semestre (do total de 20 encontros) acontece a Noite de autógrafos. Na edição de 2016/2, porém, aconteceu no semestre seguinte, no dia 07 de março de 2017, porque eu estive afastada devido a uma gestação de risco. Na ocasião, as outras 5 turmas do curso técnico em Administração- modalidade Proeja foram convidadas, além dos professores, amigos e familiares. A cerimônia contou com mais de 150 pessoas e durou cerca de uma hora e meia, iniciando com a manifestação do diretor do campus, seguida pela palavra do coordenador do curso. Eu também tive espaço para manifestar-me e, logo em seguida, os/as alunos/as da turma 4F explicaram como o projeto se

desenvolveu. O lançamento do livro também contou com uma encenação artística produzida por alunas do curso técnico em Eventos. Por fim, o grupo se aproximou do palco e iniciou-se a distribuição dos livros autografados. No final da noite, os convidados desfrutaram de um lanche coletivo, organizado pela própria turma.

Em síntese, a metodologia do projeto contou com as seguintes etapas:

- a) sensibilização e apresentação da proposta;
- b) Reflexão e valorização de histórias de vida dos/as alunos/as do Proeja;
- c) Escolha de um episódio relevante e escrita da primeira versão;
- d) Leitura de textos narrativos produzidos pela cultura popular;
- e) Aprendizagem de elementos linguísticos;
- f) Reescrita(s) do texto, revisão e reflexão;
- g) Leitura e interpretação de contos consagrados da literatura internacional e brasileira;
- h) Reflexão sobre a aprendizagem e organização da noite de autógrafos;
- i) Execução e participação da noite de autógrafos;
- j) Autoavaliação da aprendizagem.

Por fim, ressalto que a turma se mostrou muito motivada durante o desenvolvimento do projeto, participando e realizando as tarefas propostas. Entretanto, se tivesse que destacar o momento mais significativo, sem dúvida, citaria a participação na noite de autógrafos. Não só pela surpresa e orgulho de ver o livro pronto, mas porque percebo a felicidade dos/as autores/as quando trazem seus familiares e amigos para prestigiar suas histórias. No lançamento desta edição, pude conhecer duas pessoas que ilustram o quanto este projeto ultrapassa os muros do instituto. Uma dessas

peças foi o filho de Mariza, rapaz transplantado aos 25 anos e que teve sua história narrada em nosso livro. Quando estava no hospital, ele fez um único pedido a sua mãe: que ela voltasse a estudar. Orgulhosa, minha aluna apresentou-me o filho que era o personagem principal de sua narrativa. A segunda pessoa foi a avó de Giovana, senhora de 85 anos. A estudante de 38 anos é uma das muitas mulheres de sua família que lutam para dar uma vida melhor para seus/suas filhos/as. Quando tive a oportunidade de ouvir desta senhora que ela não via a hora de ler sua história, tive a certeza de que o projeto incentiva a leitura e apresenta novas possibilidades para as pessoas de nossa comunidade.

AValiação e resultados alcançados

Seguindo as orientações de muitos especialistas em educação, reservo a avaliação como uma das peças fundamentais para o processo educativo. No caso do projeto *Histórias que merecem ser contadas*, ela se deu ao longo do semestre, em diferentes momentos. Realizei o registro das versões em uma planilha, observei as considerações de cada aluno/a durante os debates sobre as leituras e procurei ainda ter uma conversa mais reservada com aqueles que não se sentem à vontade de expressar suas ideias ao grupo. Entretanto, a atribuição de uma nota foi tarefa dos/das próprios/as estudantes, através de auto avaliação. Como este projeto tem sido desenvolvido há 8 semestres, a cada edição, procuro adequar minha prática para que os/as alunos/as possam aprender ainda mais. Nesse sentido, a maior evolução deu-se no planejamento e execução da avaliação.

Nas quatro primeiras edições, metade da nota era atribuída por mim, com base em minhas anotações e notas atribuídas para as versões, participação nos debates e na organização/execução da noite de autógrafos e a outra metade era apontada pelo/a próprio/a aluno/a através de uma auto avaliação realizada na última aula do semestre. O formulário entregue era em papel e continha quatro perguntas, uma delas: "Que nota você daria ao seu aprendizado?".

Percebi, entretanto, que os/as alunos/as tinham dificuldades de atribuir uma nota a si mesmos - seja porque meu instrumento era ineficiente ou porque eram acostumados a serem silenciados nos processos de avaliação. Inúmeras vezes ouvi: "Professora, a senhora que tem que saber qual é a minha nota!". Confesso que isso me incomodava muito.

Desse incômodo, surgiu a ideia de aprimorar o instrumento de auto avaliação e dar ainda mais voz aos aprendentes. Então, na edição que narro, a avaliação foi baseada na percepção do/a estudante, a partir de uma reflexão sobre seu aprendizado e desenvolvimento ao longo do projeto. Foi responsabilidade dos/as alunos/as refletir sobre os objetivos traçados e fazer uma autoanálise da sua participação. Para isso, reservamos o laboratório de informática onde eles/as deveriam acessar um link².

Meus apontamentos e observações continuaram sendo produzidos ao longo do processo, porque é através deles que consigo direcionar o planejamento e traçar estratégias para superar as dificuldades, além de identificar as demandas particulares. Neles também controlo a realização das atividades - aliás, para poder realizar a auto avaliação do projeto, é necessário que o/a aluno/a realize todas as etapas descritas na seção anterior: essa é a única restrição.

Esse instrumento tem sido muito esclarecedor para que não só os/as alunos/as, mas também eu possa identificar quais foram os objetivos plenamente atingidos e quais os que ainda podem ser aprimorados nas próximas edições. Através desse formulário eletrônico, é possível coletar inclusive dados estatísticos. Por exemplo, 75% dos/as alunos/as disseram ter lido alguma história das edições anteriores antes mesmo de iniciarmos as atividades letivas na 4F. Esse dado comprova que o projeto tem atingido o objetivo de incentivo a leitura. Também é possível apontar que 85% afirmaram que foi muito prazeroso realizar a leitura das narrativas e que elas contribuíram para a reflexão de aspectos re-

2 Para criar o formulário online, utilizei o Google Drive Formulário (Google Forms). É uma ferramenta gratuita para a construção de pesquisas, enquetes, opiniões e, é claro, autoavaliações.

lacionados à vida, à cultura e à sociedade. Além disso, 100% dos/das estudantes disseram que realizaram as leituras dos textos literários e pensam que elas contribuíram para a sua formação acadêmica e cultural. Através deste instrumento avaliativo também foi possível apontar a relevância do projeto: em uma escala numérica de 1(irrelevante) a 10(muito relevante), 55% atribuiu nota 10 e a menor nota atribuída foi 7, com apenas 5%.

Depoimentos também foram registrados: “Eu tenho apenas elogios, desejo que esse projeto tenha vida longa, que nunca acabe, pois é uma experiência que todos que passam pelo Ifsul deveriam prestigiar”. Como se vê, na visão dos/das estudantes, o projeto é uma excelente oportunidade de aprendizagem. Por outro lado, também é necessário estarmos atentos às fragilidades: mesmo que 60% dos/das estudantes afirmou que melhorou muito em relação à compreensão e ao uso da norma urbana de prestígio, 40% ainda percebe pouca evolução em relação a estes aspectos. Esse dado, portanto, deve subsidiar o planejamento das próximas edições.

Também destaco que, através da auto avaliação, os/as alunos/as percebem que, mesmo tendo ainda o que aprender, é possível dizer que se aprendeu muito. Esclareço dando um exemplo: quando eram questionados sobre a aprendizagem em relação à organização do texto, muitos deles me diziam: “Não aprendi, professora, porque volta e meia ainda erro nas vírgulas e nos parágrafos”. Então, eu os questionava: “Como era o teu texto antes do projeto? Tu reconhece alguma mudança? Se eu pedisse para que tu narrasse uma outra história hoje, tu pensa que o texto seria parecido com aquele da primeira versão?”. Eles respondiam: “Com certeza, não”.

Por isso, afirmo com tranquilidade que a prática educativa gerou aprendizagens estruturantes para todos os/as alunos/as que participaram do projeto porque estes melhoraram suas habilidades de leitura e escrita, além de terem a oportunidade de expressar e valorizar seus conheci-

tos de mundo. Entretanto, reconheço também que ainda há muito trabalho pela frente. A Educação de Jovens e Adultos deveria ser apenas o primeiro passo para aproximar essas pessoas do conceito de aprendizagem ao longo da vida (proposta pelo Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos da UNESCO, 2010).

Por fim, ouvindo essas histórias, percebo-me uma outra professora, muito mais atenta para o mundo de experiências que cada educando traz consigo. Sinto-me ainda mais apaixonada e fortalecida para trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, bem como para lutar pelo seu espaço. Nossos desafios, com certeza, serão no sentido de perpetuar o espaço desta modalidade nos Institutos Federais, além de conseguir executar tais iniciativas com a diminuição do repasse de verbas. Espero que o projeto Histórias que merecem ser contadas tenha uma vida longa e próspera e que, sendo exemplo de prática exitosa, possa ser realizado também em outras instituições e cenários educativos. Acredito que seja possível replicá-lo, especialmente em cenários de Educação de jovens e adultos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- UNESCO. **Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos**. – Brasília: UNESCO, 2010.